

Guerreiro garante que não haverá confronto com ricos

O Chanceler Saraiva Guerreiro garantiu que a reunião de 10 países latino americanos em Cartagena, nos próximos dias 21 e 22, não tem o espírito de confrontação, mas sim de despertar a reflexão quanto a interesses comuns entre devedores e credores, relacionados à retomada do crescimento econômico mundial, elevação do nível de vida, paz e estabilidade social.

Homenageado ontem com um almoço promovido pela Associação Nacional dos Bancos de Investimento (Anbid), o Ministro das Relações Exteriores afirmou que a posição conjunta dos países devedores da América Latina não visa, "jamais visou", a uma negociação coletiva da dívida externa. "O que se procura é criar um quadro geral mais propício para a negociação de cada dívida, dada as características distintas dos países", lembrou.

Sem protecionismo

As condições que os países devedores esperam ter, e isso pode ser pleiteado em conjunto, segundo Saraiva Guerreiro, são juros menores, prazos mais longos e, sobretudo, a retomada do dinamismo do comércio internacional. A defesa de medidas anti-protecionistas, de forma a facilitar a exportação de produtos dos países em desenvolvimento, faz parte do posicionamento a ser adotado na reunião de Cartagena, de acordo com o Chanceler.

A nota conjunta dos presidentes do Brasil, Argentina, México e Colômbia e a reunião de Cartagena são um alerta, "uma campanha de persuasão para que se tente pôr fim à crise econômica mundial, que leva a um limite de explosão social e que reduz, cada vez mais, a capacidade de pagamento dos países pobres", explicou Saraiva Guerreiro.

Sobre a declaração do Chefe de Governo alemão, Chanceler Helmut Kohl, no sentido de os países endividados se sacrificarem ainda mais para pagar seus débitos, Saraiva Guerreiro afirmou que o Brasil tem-se esforçado muito para honrar seus compromissos. "Não se pode

pedir um esforço adicional ao que já vem sendo feito", disse o chanceler brasileiro.

Efeito da nota

O Chanceler Saraiva Guerreiro não considerou fria a declaração dos sete países mais industrializados, após a reunião de Londres. Acha que o assunto, não incluído na pauta da reunião de Londres antes da divulgação da nota dos quatro presidentes latino-americanos, já desperta a preocupação.

Disse o chanceler que a condução política na negociação da dívida externa, paralelamente ao encaminhamento técnico, não objetiva conseguir resultados imediatos, mas apenas mudar o sinal de entendimento, "a direção dos problemas". "Amadurecem as percepções para a prática política. Não é algo novo e não terá resultados imediatos, mas não se pode deixar de fazer seja pelo lado dos credores ou dos devedores".

Saraiva Guerreiro informou — durante discurso de agradecimento pela homenagem, prestigiada por Afonso Arinos, Walter Moreira Salles, Juracy Magalhães e Roberto Campos — que sente existir uma compreensão para uma ação nacional conjunta, apoiada no espírito objetivo de todas as classes.

Solidário

O embaixador dos Estados Unidos no Brasil, Diego Asencio, presente ao almoço realizado no Country Club, não quis opinar sobre a reunião de Cartagena e disse não ter expectativa quanto ao desenrolar do encontro dos países latino-americanos. Falou apenas que está solidário com a preocupação quanto à elevação das taxas de juros.

Segundo ele, o Governo americano também não gosta que os juros subam, porque encarecem o serviço de déficit público e dificultam o processo político para eleições presidenciais, em novembro. Considera como caminho provável na renegociação das dívidas dos países em desenvolvimento a eliminação dos spreads (taxas de risco) nos empréstimos bancários.